

TCC GABRIELA GIL!.doc

de Vanessa LUIZARI

Data de envio: 06-out-2024 09:00PM (UTC-0300)

Identificação do Envio: 2477007207

Nome do arquivo: TCC_GABRIELA_GIL_.doc (84K)

Contagem de palavras: 4196

Contagem de caracteres: 20824

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

GABRIELA PEREIRA GIL CASTILHO

RELATO DA MINHA EXPERIÊNCIA NO CURSO DE MEDICINA

SÃO CARLOS 2024

RELATO DA MINHA EXPERIÊNCIA NO CURSO DE MEDICINA

GABRIELA PEREIRA GIL CASTILHO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação em 2024, ao Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de graduação em Medicina da Universidade Federal de São Carlos

Orientadora: Profa. Dra. Meliza Goi Roscani

SÃO CARLOS 2024

AGRADECIMENTOS

À Deus dedico e agradeço a conclusão desse curso. Foi Ele quem me deu sabedoria e discernimento para conduzir essa graduação e me iluminou em todos os momentos de dúvida e incerteza. Sua graça e misericórdia foram fundamentais para a realização deste sonho.

Agradeço à minha família e ao meu namorado, que sempre estiveram ao meu lado em todas as etapas deste sonho. Me ajudaram a suportar as dificuldades e a distancia, com o amor e incentivo e, assim, superei os desafios e cheguei até aqui.

Agradeço aos meus amigos, que sempre me encorajaram a perseguir meus objetivos e me ajudaram a manter a motivação em momentos difíceis.

Agradeço aos meus colegas de turma que sempre estiveram presentes, oferecendo ajuda e compartilhando conhecimento. Sem a colaboração de vocês, este sonho não seria possível.

Agradeço à UFSCar que disponibilizou os recursos necessários para a realização deste sonho.

Agradeço aos professores que me orientaram ao longo deste trabalho e me transmitiram todo o conhecimento necessário, além de me ensinarem a perseverar diante das dificuldades. Em especial a professora Dra. Meliza Goi Roscani pela função de orientadora ao longo dos meus projetos.

Agradeço, por fim, a todos os meus pacientes que sempre me ensinaram mais do que qualquer livro ou vivência poderia.

¹ **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da UFSCar. Trata-se de uma Narrativa Crítico-Reflexiva com base em meus relatos de experiência como estudante deste Curso de Graduação no período de 2019 a 2024, abordando desde a entrada no curso até a passagem pelos 3 ciclos que compõem a grade curricular do curso, destacando como cada etapa contribuiu para minha formação acadêmica, pessoal e profissional. A narrativa também aborda as dificuldades enfrentadas durante a pandemia de COVID-19, a participação ativa em atividades extracurriculares, como a atlética, e as experiências enriquecedoras nos estágios práticos. Além disso, exploro como o método de ensino baseado em problemas (PBL) influenciou meu desenvolvimento e a superação das inseguranças comuns no início da jornada.

1 **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO	6
PRIMEIRO CICLO	7
SEGUNDO CICLO	11
TERCEIRO CICLO	14
ATIVIDADES EXTRAS	17
CONCLUSÃO	19

INTRODUÇÃO

A medicina sempre foi um sonho. Desde a minha infância sempre tive clareza que a medicina seria o meu futuro, porque a Medicina sempre foi minha grande paixão e eu nunca tive dúvidas sobre minha escolha.

O desejo de ajudar as pessoas, de entender o funcionamento do corpo humano e, acima de tudo, de fazer a diferença na vida daqueles que mais precisam, sempre me guiou. Esse desejo foi alimentado por várias experiências pessoais, principalmente o fato de meu pai ser médico e minha mãe ser fisioterapeuta.

Talvez esse pudesse ser o motivo pelo qual eu nunca seguisse na área da saúde, pois ver a abnegação, a entrega, as horas incansáveis de trabalho, os dias em que eles não se faziam presentes e todas as outras coisas que para uma criança mais importava, poderia me afastar da profissão. Porém, ao ver a emoção, o amor, a dedicação e o sentimento de propósito que vinha deles, soube que esse seria meu propósito também. Eu queria ter essa sensação em minha vida.

E assim, por toda minha infância e adolescência, a certeza da medicina sempre esteve em mim. E foi essa certeza que me sustentou na busca pela minha aprovação: foram dois árduos anos de cursinho, abnegando de prazeres em momento em busca da tão sonhada aprovação. Me tornei uma pessoa mais distante das pessoas e dos momentos, pois precisava estudar e me dedicar para alcançar aquilo que foi a base dos meus pensamentos por todos aqueles anos.

E enfim, a aprovação tão sonhada chegou. E nesse momento o alívio me preencheu tão rapidamente e com ele a ansiedade e a vontade de viver meu sonho. Sabia que os desafios seriam muitos: mudaria para uma cidade que não conhecia, moraria sozinha pela primeira vez com meus 18 anos.

Enfrentaria o novo, mas estava determinada a superar quaisquer que fossem os desafios para alcançar meu sonho.

PRIMEIRO CICLO

O novo chegou: me tornei ⁶estudante de medicina pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Conheci o que seria pelos próximos 6 anos a minha vida: cidade, amigos, faculdade. A expectativa e ansiedade sobre tudo me anestesiaram, inclusive, em relação aos medos. Eu estava iniciando a viver meu propósito. E foi muito boa essa fase.

Logo comecei a aprender sobre o método diferente da UFSCar: método de ensino inovador e com metodologia ativa, que prometia me oferecer uma formação única, focada na prática e no desenvolvimento da autonomia do aluno, algo que, desde o início, me desafiou e moldou meu caminho.

Isso porque o primeiro ciclo da graduação foi marcado por um período de grande adaptação e de enfrentamento de inseguranças. O método ativo, que desde o início se mostrava inovador e desafiador, trazia com ele uma grande dose de incerteza. Eu não sabia ao certo até onde deveria estudar, quais eram os limites do que eu precisava aprender e como lidar com o fato de que nunca teria todas as respostas. Essa insegurança foi algo que precisei trabalhar, e no começo, foi difícil. Havia uma sensação constante de que eu não estava preparada, de que faltava algo.

Lidar emocionalmente com essa insegurança foi um processo contínuo de aprendizado. No início, sentia-me perdida e ansiosa: as situações problemas, as estações de simulação e a prática profissional me assustavam. Eram muito diferentes entre si e exigiam de mim habilidades muito divergentes. Além de me mostrarem a complexidade da minha profissão e o tanto que eu teria que me desenvolver e aprender para me tornar aquilo que sempre foi meu objeto de admiração e desejo. Com o tempo, comecei a amadurecer.

E só consegui passar e superar o início desse processo pois eu sempre tive apoio dos meus colegas, veteranos e preceptores. Assim fui entendendo que essa insegurança fazia parte do processo de formação, principalmente do primeiro ciclo, onde tudo é muito novo e desafiador.

As trocas de experiências e os desabafos com amigos e professores me ajudaram a enxergar que todos nós estávamos no mesmo barco, e que a Medicina é uma busca constante por conhecimento, onde ninguém jamais sabe tudo. Essa aceitação foi libertadora e me permitiu crescer.

A estação de simulação foi uma das partes mais enriquecedoras do primeiro ciclo. Desde o primeiro momento, me atraiu por ser prática e permitir que eu colocasse em ação os conhecimentos adquiridos. O contato com os pacientes, mesmo que em simulações, já despertava em mim a vontade de ajudar e a importância do nosso estudo. Sentia que, aos poucos, estava começando a entender o impacto que eu poderia ter na vida das pessoas.

Outro ponto de destaque foi a prática profissional. As visitas aos pacientes e a interação direta com eles foram essenciais para que eu compreendesse a importância do aprendizado prático. Conversar com os pacientes, entender suas histórias e enxergar como a Medicina pode transformar vidas foi algo que reforçou minha paixão pela profissão.

Já a situação problema me ensinava não só a estudar e entender a fisiologia humana e sua complexidade, como também foi a que me ensinou de maneira mais incisiva a forma de se portar, falar, escutar ativamente e a discutir com meus colegas e facilitadores sobre os temas e assuntos por vezes complexos e divergentes.

Ainda no primeiro ciclo, comecei a me envolver intensamente nas atividades da universidade. Me tornei representante de turma e passei a frequentar as reuniões do conselho de curso, que me expôs a temas e assuntos que eu não conhecia.

Além de me trazer a responsabilidade de zelar e lutar pelos direitos da minha turma e dos discentes da medicina UFSCar.

Entrei para os esportes da medicina: comecei a jogar vôlei e basquete, esportes que me acompanhariam por todo o curso. Além de iniciar minha jornada na atlética da medicina UFSCar - AAAMPJ, que faria muito pela minha vida nos próximos anos.

Entretanto, todo esse processo, desenvolvimento e adaptação foi barrado de maneira ríspida e inesperada quando ía iniciar o segundo ano do primeiro ciclo, pela pandemia do COVID-19. Saí da cidade e do que, agora eu havia entendido que havia se tornado minha vida, e voltei para casa, sem saber o que estava acontecendo, o que seria essa pandemia, quanto tempo duraria e qual era o meu papel, agora como estudante de medicina no enfrentamento dessa crise.

Todo esse processo foi muito difícil, doloroso e assustador: retornar para minha cidade, agora que eu estava começando a me acostumar com a metodologia, com a rotina e com as dificuldades. Somado a isso, o lado pessoal e humano exigia muito nesse momento: o medo que sentia dessa doença e das consequências dela, a vontade de ajudar e a frustração de não saber como, deixaram-me por muitas vezes ansiosa, perdida e triste. Além do medo de perder muitas praticas e momentos importantes para minha formação acadêmica. Foi difícil, dicotômico e devastador. Muito sofrimento para todos os envolvidos e insegurança sobre como seria o retorno.

Além disso, durante a pandemia, o curso ficou muito dividido e eu, como representante de sala, enfrentei grandes desafios. Eu estava nas reuniões para defender as vontades da minha turma e dos discentes, porém a turma ficou muito dividida, assim como todo o curso, e isso exigiu muita calma da minha parte.

Esse foi um grande aprendizado desse momento. Aprender a lidar e debater em uma situação de grande estresse, para defender e lutar por interesses além dos meus.

E o tempo pardo foi aumentando: ficamos 6 meses sem qualquer atividade. E após esse tempo o ensino remoto se tornou uma realidade. A falta de contato direto com os pacientes e com os colegas foi um dos maiores desafios que enfrentei durante esse período. Sentia falta da prática, do ambiente hospitalar, e percebi o quanto isso impactava meu aprendizado. Mesmo dedicando mais tempo aos estudos, havia uma sensação de estagnação, de que algo essencial estava faltando.

A felicidade se fez presente por voltar a estudar medicina, por reencontrar meus amigos e facilitadores mesmo que de longe. Porém, foi muito angustiante esse período: o sentimento de estar fazendo uma faculdade de metodologia ativa se perdeu, pois agora o curso se assemelhava mais a um curso tradicional, o que foi frustrante, pois não sentia que aprendia ou que entendia o que era a medicina dessa forma. A saudade daquele método, que há um ano havia sido minha maior angústia, se fez presente. E foi no meio desse caos e bagunça que eu realmente vi o quanto eu era feliz e grata por estar cursando medicina na UFSCar com seu método ativo e que trazia a tona em mim o desejo pelo cuidado com meu paciente e me reforçava o meu propósito.

Foi na dor e na incerteza que surgiu a maior certeza da minha vida: a escolha pela medicina foi a escolha certa. Esse era meu propósito.

E assim foi o meu primeiro ciclo: um turbilhão de emoções, sentimentos e sensações.

SEGUNDO CICLO

O segundo ciclo se iniciou. E este foi iniciado da maneira que nosso curso foi projetado, pois a pandemia já estava controlada e permitia o retorno.

A pandemia havia deixado suas marcas em nossos cenários práticos, porém retornamos ao novo normal. E esse ciclo foi muito importante, pois foi um período de consolidação dos conhecimentos adquiridos e de fortalecimento das relações interpessoais. Agora, tudo o que eu havia aprendido e passado nos anos anteriores, teria que ser colocado em prática, mesmo com o medo e a insegurança por não estar em contato com pacientes há um tempo. E foi desafiador, pois nessa fase, a prática médica começou a se intensificar, e o contato com os pacientes tornou-se mais frequente e profundo. Agora a prática profissional havia se multiplicado do primeiro ciclo para o segundo ciclo. E foi confuso adaptar a nova rotina, com diferentes temas para estudar na mesma semana, além de menos tempo para conseguir se dedicar a esses estudos. A prática profissional que era apenas Saúde da Família e Comunidade, havia se somado a Saúde do Adulto Idoso, Saúde da Mulher e Saúde da Criança.

E isso foi difícil no início, porém muito enriquecedor e com o tempo, a curva de aprendizado voltou a se intensificar e eu percebi que as habilidades técnicas e teóricas começaram a se fundir. Percebi que estava me tornando mais confiante no exercício da Medicina.

Paralelamente aos estudos, o envolvimento com a atlética foi um aspecto fundamental da minha vida acadêmica. O esporte sempre foi uma paixão, e os treinos de vôlei e basquete não apenas me proporcionaram momentos de lazer, mas também me ensinaram lições valiosas sobre superação, disciplina e trabalho em equipe.

A liderança na atlética começou a se intensificar e foi nesse segundo ciclo que me tornei vice presidente externa e presidente. Estar na liderança dessa amada instituição foi muito desafiador e me ensinou muito sobre gestão e responsabilidade.

Apreendi incontáveis lições e lidei com situações que me fizeram crescer e me tornaram mais forte. Comecei a ter que administrar melhor o meu tempo, diferentemente do primeiro ciclo, onde havia muito tempo de sobra e pouco envolvimento de responsabilidades. Agora, eu tinha grandes responsabilidades nas práticas e fora dela: na presidência da atlética, sendo representante de turma, além de diretora e participante de liga, atleta dos meus dois esportes e a Gabriela na sua vida pessoal.

Esse foi o momento mais enriquecedor de toda a jornada: aprender a lidar com as diversas responsabilidades que surgiram no meu caminho e que eu me comprometi. Foi muito difícil, por vezes me desesperei, chorei e pensei em desistir, pois não queria fazer algo mal feito. Mas foram nesses momentos que a maturidade foi se fazendo presente e o autoconhecimento e a gestão de mim me sustentaram.

Além disso, aprender nesse momento e errar em um ambiente protegido me ensinou muito. E com esses erros e acertos, fui me moldando e amadurecendo de maneira exponencial, seja na medicina ou fora dela. Apreendi a valorizar o tempo de descanso e a entender que, para cuidar dos outros, também precisamos cuidar de nós mesmos.

E esse aprendizado se fez importante em um dos momentos mais difíceis de toda minha caminhada: Final do meu quarto ano que também era o final da minha presidência e da jornada mais intensa na atlética, somada a despedida de pessoas importantes ao longo da minha trajetória na medicina UFSCar. Todo esse processo era por mim concretizado e sonhado em uma vitória nossa na competição que eu mais aguardava, o Caipirão. E faltando uma semana antes da competição eu me lesionei treinando. Rompi a região miotendínea dos músculos do meu quadríceps da perna direita.

Lesão muito importante e assustadora que demonstrou toda a sobrecarga do que eu estava vivenciando e tentando equilibrando. Todo esse processo foi muito intenso e fez meu corpo não aguentar e responder dessa forma tão dramática e exausta.

Foi muito difícil, pois além da dor física que eu enfrentava, a dor e a exaustão mental me tomava e eu não conseguia aceitar que eu não seria capaz de viver e fazer pela minha medicina aquilo que eu planejei e sonhei. Não conseguia aceitar que eu não teria a despedida da forma que eu idealizava. E todo esse processo foi doloroso: precisei andar de muletas por seis meses além de iniciar um processo rigoroso e intenso de recuperação na fisioterapia e, também, de me afastar daquilo que me fazia tão bem que eram os treinos e o esporte.

Porém, após esse episódio pude perceber o quanto toda essa vivência me ensinou. Aprendi sobre os limites do meu corpo físico e mental e aprendi sobre a importância do autocuidado. Além de ter me feito refletir sobre as prioridades que tenho em minha vida e sobre os riscos e consequências de minhas atitudes.

E foi dessa forma muito reflexiva que eu finalizava o meu segundo ciclo: finalizando minhas principais responsabilidades na atlética, no esporte e refletindo sobre minha postura e meu envolvimento para o próximo ciclo, que fundaria e consolidaria minha base como médica.

TERCEIRO CICLO

O internato havia chegado. O momento em que sempre ouvi que aprenderia a ser médica de verdade.

Meu grupo foi escolhido a dedo e sempre fomos felizes com a escolha. Nos entendemos e completamos de certa forma. Sob a perspectiva de nos tornarmos médico, fizemos e demos nosso máximo em cada estágio.

A nossa ordem no quinto ano foi: Cirurgia, Clínica Médica, Saúde Coletiva e Mental, Pediatria e Ginecologia e Obstetrícia. E em todos esses estágios tudo foi vivido de maneira muito intensa e desafiante: foram horas e horas a mais nos plantões, sempre querendo aprender mais e viver mais a medicina que eu sempre sonhei.

Fico muito feliz e realizada em saber o quanto me dediquei a aprender no internato. Intensifiquei meus estudos, pois o foco não era apenas ir bem em uma prova ou passar de ano, meu foco era ser uma médica preparada e uma boa médica, que colocasse o paciente como prioridade.

Nessa época, voltava a entender a importância de ter a medicina como propósito de vida. Nessa época, entendia quando ouvia que a medicina é um sacerdócio. É bonito e lúdico na teoria, mas a prática carrega consigo o peso e o fardo dessa escolha.

Nesse ciclo por várias vezes me peguei chorando por algum caso ou por não conseguir aprender de uma forma que eu considerava rápida o suficiente. Foi nesse ciclo que eu por várias vezes duvidei se ao final conseguiria chegar com a sensação de que estava preparada para atuar.

E ao longo do quinto ano, muitas incertezas e angústias foram surgindo, ao mesmo tempo em que a cobrança por ser melhor e saber mais crescia dentro de mim.

E assim seguia: ia para o estágio, voltava para casa, estudava, voltava para o estágio, estudava, por dias e dias.

E foram nesses momentos que comecei a ver formar em mim uma vontade por realmente ser uma médica boa e atuante em fazer a diferença na vida das pessoas. A famosa curva de aprendizado, que ouvia desde a primeira palestra do curso, começava a fazer sentido.

Ao iniciar o sexto e último ano, essa curva era ainda mais clara. Nesse ano a ordem foi Pediatria, Ambulatórios, Cirurgia, Clínica Médica e Ginecologia e Obstetrícia. E nesse último ano, iniciei mais segura das minhas condutas e do meu atendimento: conseguia seguir uma linha de raciocínio de maneira mais fluida e leve, sem tanta dificuldade.

O interesse e a vontade de saber aumentava. A contagem regressiva se iniciava. E mesmo com medo e receio de saber que ainda faltava preencher diversas lacunas, eu sentia mais paz em saber que mesmo não sabendo eu já sabia como buscar e aprender.

Iniciei meus estudos mais intensivos para a prova de residência médica também. Não pensando apenas em ser aprovada ou conseguir uma boa nota, mas sabendo que ao ter um norte de estudos e um direcionamento, isso me ajudaria a colocar em prática e, conseqüentemente, a melhorar meus atendimentos.

Pelo caminho teve alguns tropeços, pelos quais ao longo de toda minha vida eu encontrei: lidar com minha ansia por fazer várias coisas ao mesmo tempo e ser produtiva ao extremo. Tentar aproveitar todos os segundos para aprender algo ou para estudar. Isso fez também com que eu desviasse o foco e o propósito de algumas atividades. Mas, por mais doloroso que seja aprender, foram nesses momentos em que eu podia errar e aprender com meus erros sem que houvesse grandes conseqüências, nesse ambiente protegido.

E é por essas e outras milhares de coisas que sou grata a minha formação e ao meu internato, por ter me proporcionado crescimento profissional e pessoal.

Foi no sexto ano que eu realmente me vi mudando e me tornando médica. Não aquela que eu imaginava que seria quando eu sonhava. Mas aquela médica real, que carrega em si a menina pequena e agitada que sonhava em salvar todas as pessoas do mundo, e também carrega a estudante assustada com medo de não ser suficiente e também aquela que se dedicou seis anos lutando e buscando, com tudo o que tinha, se tornar uma pessoa boa e que pudesse fazer a diferença e o bem a outras pessoas, mesmo que esse cuidado não seja da maneira que achou que seria.

Hoje me vejo mais calma e feliz. Mais tranquila e segura sobre o futuro e sobre o que ele reserva. Com mais fé em Deus e em seus propósitos e agradecida a Ele pela oportunidade de ter cursado medicina na UFSCar.

ATIVIDADES EXTRAS

Ao longo da formação me envolvi em muitas atividades extras.

As ligas das quais participei foram muito importantes ao longo do meu processo de formação. Fui ligante da Liga de Cardiologia (LACOR), da Liga de Ortopedia (LIMESP) e foi diretoria da LIMESP. Foram momentos importantes dentro da minha formação.

Além disso, mantive ao longo dos seis anos como representante de turma, sendo ativa no conselho de curso e nas discussões sobre nossos cenários de prática e sobre os temas que envolviam a melhoria ou a resolução de problemas da nossa formação. Tenho orgulho de saber que pude contribuir e enriquecer nossa formação de alguma forma.

Os meus estágios eletivos foram fundamentais para minha formação. Pude passar mais de 600 horas na sala de emergência da Santa Casa de Presidente Prudente, tendo contato com as mais variadas urgências e emergências médicas. Aprendi muito sobre medicina e muito sobre tudo que a envolve. Viver e estar em contato com grandes profissionais que se dedicam a essa profissão linda todos os dias, mantinha meu desejo por ser melhor. Varias vezes fiquei admirada com decisões e posturas que se aprendem na prática e não em um livro, e isso levarei para toda a vida. Pude realmente aplicar os conhecimentos adquiridos e vivenciar de perto a realidade da Medicina sem estar em um ambiente protegido como o da universidade e lidar com isso. Inclusive, dentro desses casos marcantes, um me marcou profundamente: uma jovem paciente que sofreu um traumatismo cranioencefálico leve. Embora sua condição clínica não fosse grave, ela estava muito ansiosa e assustada. Tirei um tempo para conversar com ela, escutá-la e tranquilizá-la. No dia seguinte, a paciente voltou à unidade e me procurou, agradecendo pela atenção e pelo cuidado que eu havia oferecido e me entregando uma cesta de doces.

Esse episódio me mostrou o quanto a escuta ativa e o cuidado humano podem fazer diferença na vida dos pacientes. E que a nossa função, algumas vezes, é cuidar da alma e do coração de nossos pacientes.

Além disso, ao me envolver na atlética e ter contato com gestão de pessoas, pude aprender a lidar com equipes, a gerir conflitos e assim, pude por em prática e aprender que melhorar a comunicação com os pacientes é uma habilidade essencial. Porque a Medicina vai além do conhecimento técnico; ela envolve empatia, liderança e a capacidade de trabalhar em equipe de forma eficiente. Em relação a produção científica, eu tive a honra de participar, por meio da coleta de parte dos dados utilizado para a formulação do artigo: "Mitral annular early diastolic velocity has good accuracy in the detection of low exercise tolerance in patients with heart failure". O que me trouxe um desejo e vontade por um maior e talvez futuro envolvimento científico. Mostrando para mim, nesse final, que tudo na vida são ciclos.

CONCLUSÃO

Concluir o curso de Medicina na UFSCar é uma realização imensa. Olhando para trás, vejo o quanto cresci e amadureci ao longo desses anos. Os desafios que enfrentei me moldaram como pessoa e como profissional, e hoje sinto-me mais preparada para os desafios que virão.

Meu próximo passo é continuar me aprimorando por meio de uma residência médica, onde poderei aprofundar meus conhecimentos e desenvolver ainda mais minhas habilidades. Também pretendo aprimorar minhas habilidades de comunicação, pois acredito que a Medicina moderna exige não apenas competência técnica, mas também a capacidade de liderar equipes e gerir projetos de saúde.

Se pudesse dar um conselho a quem está começando agora, diria para viver intensamente cada momento da graduação, aproveitar todas as oportunidades e se envolver em atividades extracurriculares, pois elas são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e profissional, além de se entregar de corpo e alma para a formação, sempre ouvindo nossos mestres e buscando segui-los almejando sempre cuidar e zelar pelos nossos pacientes, sempre sendo fiel a nossa missão.

E assim, finalizo o curso e meu trabalho de conclusão de curso com a frase que levo comigo:

“O medico que só sabe medicina, nem medicina sabe”

-Professor Abel Salazar

Obrigada, Medicina UFSCAR.

TCC GABRIELA GIL!.doc

RELATÓRIO DE ORIGINALIDADE

5%
ÍNDICE DE SEMELHANÇA

5%
FONTES DA INTERNET

2%
PUBLICAÇÕES

0%
DOCUMENTOS DOS ALUNOS

FONTES PRIMÁRIAS

1 repositorio.ufscar.br 3%
Fonte da Internet

2 pesquisa.bvsalud.org <1%
Fonte da Internet

3 pt.slideshare.net <1%
Fonte da Internet

4 www.grafiati.com <1%
Fonte da Internet

5 paramirim.org <1%
Fonte da Internet

6 www.even3.com.br <1%
Fonte da Internet

7 www.slideshare.net <1%
Fonte da Internet

8 issuu.com <1%
Fonte da Internet

9 www.grbcanal.net <1%
Fonte da Internet

10

Aline Guerra Aquilante, Roseli Ferreira da Silva, Lucimar Retto da Silva de Avó, Flávia Gomes Pileggi Gonçalves et al. "Situações-problema simuladas: uma análise do processo de construção", Revista Brasileira de Educação Médica, 2011

Publicação

<1 %

11

idoc.pub

Fonte da Internet

<1 %

Excluir citações

Desligado

Excluir

Desligado

Excluir bibliografia

Desligado

correspondências